

Um novo nome nos apparece tambem para o morabitinó: é o *alcozovil*, provavelmente designativo de alguma cidade em que tal moeda fosse cunhada.

Outras considerações poderíamos fazer a respeito de tão curioso documento, mas já bastante nos alargámos.

G. DE ALMEIDA SANTOS.

---

### Miranda archeologica

Mergulhada no mais profundo silencio historico, vive essa triste e desolada cidade de Miranda do Douro, na margem direita d'este rio, no extremo nordeste da antiga provincia trasmontana.

A epocha actual esqueceu por completo um dos mais fortes baluartes fronteiriços que durante a idade média, e já nas epochas da nossa historia moderna, serviu de barreira ás incursões dos povos vizinhos. Esqueceu esse marco miliario, que tem visto passar tantas gerações, quer nos tempos em que o seu solo foi habitado por uma d'essas tribus guerreiras, cujos vestigios chegaram até hoje, quer na sua celebre dança chamada dos *paulitos*, e nos machados e martelos de pedra e noutros vestigios do periodo preromano, que ainda por aquelles lugares abundam, quer no dominio do povo rei.

O territorio mirandês é uma mina de grande merecimento archeologico, que ainda está por acabar de explorar, tanto na parte dos monumentos e outros vestigios historicos, como no que diz respeito á linguagem, usos e costumes<sup>1</sup>. A cada passo se encontra uma povoação morta, um fragmento de uma civilização que passou, uma recordação, um signal, um indicio de um povo que para nós ainda não é conhecido, que se sumiu nas trevas do esquecimento, arrastando consigo as suas tradições e as suas glorias. É uma vasta necropole, de que fazem parte os castros de Coelhoso, S. Martinho, Angueira, Picote, Aldeia Nova e muitos outros, que está para ali abandonada á espera que os obreiros da civilização vão decifrar esses caracteres que traduzem a alma, o sentimento, a vida dos que ergueram esses monumentos para a eternidade!

---

<sup>1</sup> Com relação á linguagem mirandesa vide, porém, alguns trabalhos de J. Leite de Vasconcellos.

Assim se induz das informações e dos objectos existentes no nosso Museu.

Foi sempre a nossa cidade de Miranda cabeça d'esse territorio em volta da qual se passaram verdadeiras scenas heroicas.

Essa fortaleza desmantelada, prestes a desaparecer, foi, ainda não ha muito, uma valorosa couraça aonde se vieram quebrar os impetos das aguerridas hostes castelhanas. Do seu cimo, por mais de uma vez, o troar da artilheria deu o grito de alarme de que a patria estava em perigo, que o Dóuro levava ao coração do país chamando ás armas todos os seus defensores.

Nas suas ruinas, nos seus destroços, ao revolvermos cada pedra, lá vamos encontrar a ossada de um heroe que impavido, qual outro espartano, ficou sepultado no desmoronamento da sua torre de menagem, produzido por uma explosão em 1762.

E assim cahiu esta secular sentinella da fronteira, que D. Dinis havia mandado erguer, e que tinha uma existencia de mais de quatro seculos.

Cahiu como um gigante e como um heroe: — abalada pelo raio da Guerra, e abraçada á Bandeira das Quinas, que sempre defendeu.

Miranda é uma grandeza cahida, e do seu poderio restam-lhe hoje ruinas, cinzas, o esquecimento. . .

Se não fosse esse monumento grandioso que serviu de Sé ao Bispado que a vontade de D. Catharina criou em 1545, e que é tido como um dos edificios religiosos mais notaveis do reino, e a protecção official tornando-a séde de um concelho e de uma comarca, ella já teria deixado de existir, porque a sua importancia, que era militar, perdeu a desde o dia em que derruiu a sua torre de menagem.

Mas embora um dia a sua adversidade a leve ao desaparecimento de povo geographico; embora venha a tornar-se, como o territorio que a rodeia, um verdadeiro cemiterio ou um campo habitado pelas feras e pelas aguias, ou revolvido pelo arado: o seu nome brilhará nas paginas da nossa historia, recordando feitos verdadeiramente gloriosos!

E ao passar por este local, o viandante, dominado pela lembrança de uma grandeza extincta, exclamará: Aqui jaz quem morreu pela patria!

A geração actual não pôde desamparar quem tem tão grandes tradições; e por isso a benemerita e patriotica Commissão dos monumentos nacionaes deve, sem demora, declarar nacional o edificio da Sé, para ser reparado, conservado e salvo, como merece.

Bragança, 1897.

ALBINO PEREIRA LOPO.